

**O espaço composto através da lógica do vigiar e punir divino nos discursos Cristãos Fundamentalistas das Lideranças Religiosa das Igrejas Evangélicas de Ponta Grossa, PR**

Adriana Gelinski<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente reflexão está norteado pela seguinte questão central: como o espaço compõe a lógica do vigiar e punir divino nos discursos cristãos fundamentalistas das lideranças religiosas das igrejas evangélicas de Ponta Grossa, PR? Os caminhos estabelecidos de reflexão buscam identificar como as experiências espaciais são ditadas pelo discurso religioso das lideranças religiosas das primeiras igrejas evangélicas de Ponta Grossa, PR. Identificar as compreensões de uma lógica vigiar e punir divino das lideranças religiosas das primeiras Igrejas Evangélicas de Ponta Grossa, PR. E compreender como se estruturam as perspectivas teológicas das lideranças religiosas das primeiras igrejas evangélicas de Ponta Grossa, PR. Este trabalho é resultado da vivência em Igrejas Evangélicas nas cidades de Carambeí, Curitiba e Maringá no estado do Paraná. Vivências e pesquisas desenvolvidas entre os anos de 2012 a 2017. Além da realização de quatro entrevistas com lideranças de Igrejas Evangélicas do município de Ponta Grossa, PR no ano de 2017. Evidenciou-se que nas pregações, as lideranças religiosas tanto da igreja como as lideranças dos jovens pautavam suas falas em 'ser exemplo' para as outras pessoas, para se vigiar constantemente, pois o divino tudo vê e o pecado estava nas músicas, nas práticas e nos espaços do 'mundo'. Assim ao vivenciar práticas entendidas como desagradáveis aos olhos do divino estariam sujeitas a punição, deixando assim de ser 'abençoados'.

**Palavras-chaves:** espaço; discurso religioso; dispositivo do panóptico.

<sup>1</sup> Bolsita técnica Centro Tecnológico de Pesquisa em Ciências Humanas - CETEP e Pesquisadora do Grupo de Estudos Territoriais - GETE da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR - UEPG; Mestre em Geografia, Bacharel e graduanda em Licenciatura em Geografia pela UEPG; drycagelinski@gmail.com.

## Introdução

A presente reflexão está norteada pela seguinte questão central: como o espaço compõe a lógica do vigiar e punir divino nos discursos cristãos fundamentalistas das lideranças religiosas das igrejas evangélicas de Ponta Grossa, PR? Os caminhos estabelecidos de reflexão buscam identificar como as experiências espaciais são ditadas pelo discurso religioso das lideranças religiosas das primeiras igrejas evangélicas de Ponta Grossa, PR. Identificar as compreensões de uma lógica vigiar e punir divino das lideranças religiosas das primeiras Igrejas Evangélicas de Ponta Grossa, PR. E compreender como se estruturam as perspectivas teológicas das lideranças religiosas das primeiras igrejas evangélicas de Ponta Grossa, PR.

As questões foram estabelecidas após a vivência em igrejas evangélicas nas cidades de Carambeí, Curitiba e Maringá, as quais resultaram em duas pesquisas: Trabalho de Conclusão de Curso e Dissertação de mestrado. Durante os momentos religiosos, conversas e entrevistas com as pessoas das comunidades religiosas, os discursos em relação às práticas, vivências e os espaços frequentados eram fundamentados em textos bíblicos. Em suas pregações, as lideranças religiosas tanto da igreja como as lideranças dos jovens pautavam suas falas em 'ser exemplo' para as outras pessoas, para se vigiar constantemente, pois o divino tudo vê e o pecado estava nas músicas, nas práticas e nos espaços do 'mundo'. Assim ao vivenciar práticas entendidas como desagradáveis aos olhos do divino estariam sujeitos a punição, deixando assim de ser 'abençoados'.

Semelhantemente evidenciou-se no campo exploratório que tais pensamentos estão baseados em quatro pressupostos: (1) Deus existe, (2) È onipresente e onipotente, (3) Se revela através da Bíblia, pois a Bíblia é sua revelação, e (4) este evangelho é divulgado aos 4 cantos da Terra por pessoas que são Ungidas do Senhor [nunca toque em um unguento do senhor]. Tudo isto tem lastro no texto que é a revelação do 'Todo Poderoso'. É nesse contexto que nasce a inquietação em compreender as noções de espaços sagrados e profanos, de práticas aceitáveis e não aceitáveis. Indo além compreender como o espaço pode compor uma lógica e dentro da religiosidade fundamentalista é uma lógica que vigia e pune. Pois o divino é onisciente, onipresente e onipotente. Além disso, esta compreensão tem relação com algumas espacialidades específicas, as quais podem ser compreendidas como lícitas e ilícitas, segundo Paulo todas as coisas são lícitas, porém nem todas convém.

Ademais através do levantamento realizado no banco de dados de artigos do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) no dia 19/07/2016, onde foram investigados 15.568 artigos de

90 revistas referentes à ciência geográfica brasileira no período de 1940 a 2014, evidenciou-se assim os 62 artigos que foram publicados nos periódicos geográficos brasileiros, 26 deles focaram no espaço e religiosidade. As reflexões destes artigos estavam focadas em espaços específicos como igreja, comunidades ribeirinhas, cidades do Brasil, cemitérios, festas religiosas e escolas, bem como a concepção de espaço sagrado e espaço profano. Já os demais trabalhos tiveram como tema central o conceito de território, paisagem, discussões sobre geografia da religião, cultura, política e poder, geografia da religião, método e teoria, outros sobre turismo religioso, corporalidade e identidade.

Nota-se assim que não há número significativo de reflexões sobre a temática religião mesmo que 86.8% das pessoas sejam cristãs, sendo que 64.6% são católicas e 22.2% evangélicos de acordo com o Censo IBGE de 2010, e 100% das pessoas vivenciam práticas espaciais.

Portanto esta discussão faz parte da construção reflexiva do presente trabalho, onde o espaço através das relações, do discurso e da crença contribui para a noção de uma divindade que vigia e pune. Indo além, contribui para compreender como a sacralidade da figura pastoral, as compreensões teológicas e discurso religioso 'ditam' as experiências espaciais.

### **Espaço, discurso religioso e a noção de um ser divino capaz de vigiar, abençoar e/ou punir.**

Partimos da premissa que os discursos religiosos estão relacionados com as compreensões teológicas e as visões de mundo, indo além, as lideranças religiosas são entendidas como pessoas escolhidas/ungidas e o divino fala através delas. Portanto há uma sacralização do discurso, a figura da liderança religiosa é vista como a autoridade espiritual, a qual prega a palavra, zela pela doutrina, repreende, ou seja, tem o papel de vigiar e punir.

Deste modo, aquilo que convém e aquilo que não convém tem a haver com uma compreensão teológica. Por exemplo, para um grupo de lideranças religiosas entregar preservativos em alguns espaços é uma prática importante, e entendida como uma forma de evangelização. Por outro lado alguns pastores são contra, e entendem que o demônio está naquele espaço e com as pessoas que frequentam aquele espaço.

Assim tanto as relações sociais como os discursos político, jurídico, biológico e médico (BUTLER, 2003) e o discurso religioso atuam de maneira regulatória e binária criando papéis e vivências de acordo com a norma heterossexual, reiterando normas e

concepções de correto e incorreto. Tais concepções ultrapassam o espaço religioso e fluem pelos diferentes espaços.

Deste modo, cada espaço religioso esta envolto por discursos que são constituídos por dois polos: normal que corresponde às pessoas que seguem os papéis e práticas de acordo com os textos bíblicos. E não normal ou ‘desviados’, a qual diz respeito às pessoas que não seguem os discursos e práticas instituídas pela comunidade religiosa. Tais espaços são compostos por normas binárias e heterossexuais, entendidos assim como um espaço heterossexual (VALENTINE, 1993).

Diante disso, é possível compreender a potencia dos discursos. Pensando assim Foucault (1996) ressalta que o discurso tem forte ligação com as relações de poder, pois é através do discurso que há a legitimação e reprodução de concepções e ‘verdades’. Como a crença de uma divindade onipresente e onipotente, essa crença dita suas práticas e noções, entre elas: a noção de espaços abençoados e espaços amaldiçoados, a noção de pecado, as práticas e concepções do que é feminino e masculino (BUTLER, 2003).

Desta forma, o discurso religioso faz-se presente e potente, pois é entendido como o ouvir a voz do divino representado pelas lideranças religiosas como (pastora, pastor, padre) segundo Orlandi (1996). Assim, o discurso religioso é “aquele em que há uma relação espontânea com o sagrado” (Orlandi, 1996, p.246). Já o discurso teológico é mais formal e faz uma sistematização dogmática das verdades religiosas segundo Orlandi (1996).

As imaginações geográficas que foram proporcionadas pela vivência nas comunidades religiosas (Igreja Evangélica Reformada de Carambeí, Igreja Episcopal Anglicana de Curitiba e Igreja da Comunidade Metropolitana de Maringá) e pelo campo exploratório na Primeira Igreja Presbiteriana, Primeira Igreja Batista e Primeira Igreja do Evangelho Quadrangular de Ponta Grossa contribuiu para a construção do recorte de grupo, sendo as lideranças religiosas das primeiras igrejas evangélicas do município de Ponta Grossa-PR.

As Igrejas podem ser compreendidas como uma espacialidade que é vivenciada no cotidiano de pessoas que comungam uma determinada forma de ver, significar e entender o mundo. Sendo constituída pelos membros, práticas e discursos. Noutros termos, a igreja pode ser entendida de acordo com a subjetividade ou intersubjetividade.

Podendo ser compreendida como eventualidade, local de encontros entre os membros e o Ser Divino. Assim, os membros e a liderança religiosa buscam se reunir em espaços como igrejas para compartilharem práticas, concepções e experiências de fé. Tais espaços estes proporcionam inúmeros sentimentos, experiências e vivencias, as quais podem contribuir para o fortalecimento do discurso religioso, consequentemente das concepções do divino, em

relação às sexualidades, de correto e incorreto, de pecado e de espaços sagrados e não sagrados.

Neste sentido, as espacialidades religiosas constituem-se como espaços de grande importância para a vida das pessoas religiosas, pois como assegura Armstrong (2007): as pessoas necessitam de algo para significar e dar sentido as suas vidas, caso contrário caímos facilmente em desespero. A religião assim tem o papel de produzir sensações e formas de compreender a vida, mesmo diante de todos os tipos de problemas há esperança, significado e valor para existência. Pois “as dificuldades, as dores, os conflitos nada mais são que uma provação divina e se conseguires passar por elas serás abençoado. Deus tudo vê, tudo sabe, nada acontece sem que ele queira”. (Entrevista realizada com a Liderança Religiosa da Primeira Igreja Batista de Ponta Grossa, em Ponta Grossa no dia 22 de abril de 2017

Deste modo, as religiões são vivenciadas espacialmente pelas pessoas religiões, bem como as religiões organizam-se espacialmente. O espaço assim pode ser compreendido como “palco material e objetivo das relações sociais, fazendo parte no contexto da experiência de sujeitos cognoscentes organizados em sociedade, é, em certa medida, "construído" (inter)subjetivamente” (SOUZA, 1997, p. 23), em locais como espaços religiosos, igreja, casa entre outros. Pois as pessoas religiosas vivenciam outras espacialidades e poderiam ter as práticas religiosas em outras espacialidades não somente no espaço igreja.

No entanto, existe uma intersubjetividade, um significado para o espaço igreja. Este significado é atribuído pelo reconhecimento das pessoas religiosas que aquele espaço denominado igreja é um local especial, pois é a ‘casa do Divino/de Deus’, é onde as pessoas se encontram e buscam momentos de descanso e redenção, bem como é o espaço que proporciona o contato não somente com a comunidade religiosa, mas com Deus. (GELINSKI, 2017, p.19)

O espaço assim pode ser entendido como a morada da humanidade, sendo multidimensional. Além de ser reflexo e condição social, sendo “vivenciado de diversos modos, rico em simbolismos e campos de lutas” (Corrêa 2005, p. 45). Tais campos de luta estão relacionados com a condição simbólica, frequentemente produzida através da vivência de diferentes representações e significações.

Para Massey (2004) o espaço é relacional, um conjunto de encontros, sendo produto de “relações-entre-relações” (MASSEY, 2004, p. 2). Assim, “o espaço é mais do que distância, é a esfera de configurações de resultados imprevisíveis, dentro de multiplicidades” (MASSEY, 2008 p. 139). Surgindo assim, através das relações, das práticas e das vivências,

estando constantemente em movimento e este movimento é temporal e espacial concomitantemente.

Para a autora o espaço é percebido como lugar, um evento, isto é, um conjunto de encontros. Assim, o espaço não é fixo, ao contrário esta em movimento de conectar-se e desconectar-se constantemente. Pensando nisso, as igrejas são espaços, os quais são constituídos pelas relações, por temporalidades e pela linguagem. Estando permeadas por interligações, as quais atuam nas concepções e significações. Logo, “diferente do tempo, pode-se ver o espaço estender-se ao nosso redor. Tempo é ou passado ou por vir, ou o tão minimamente instantâneo agora, que é impossível aprender. O espaço, por outro lado, está aí” (MASSEAY, 2008, p.174).

Dito isto, o espaço Igreja é constituído através das práticas e das vivências, assim cada vivência das pessoas religiosas não são meramente encontros espaço-temporais, mas sim são eventos. Tais espaços são locais institucionalizados de encontros, de práticas, de sociabilidades, esses são cheios de significado, valor e efeito e são constantemente negociado e renegociado. Logo, este evento é feito por um conjunto de encontros entre as pessoas e da ideia de que a vivência espacial da/na Igreja possibilita o contato/ à comunicação com a divindade/Deus. Além disso, é no espaço religioso em que está presente a comunicação da liderança com os membros e dos membros com os membros.

Deste modo, é no espaço Igreja e através da vivencia, do discurso religioso e da comunicação dos membros que há a reiteração da fé, das práticas religiosas, das concepções e da noção de uma divindade que tudo vê e tudo sabe, por sua vez, abençoa ou puni. Neste sentido, a uma divindade única, a qual é suprema e esta em constante vigilância mesmo que as pessoas religiosas não a vejam.

Temos assim, um modelo que se assemelha ao modelo de vigilância denominado panóptico por Foucault (1975), em que a partir de uma construção era possível visualizar tudo o que acontecia, indo além, não era possível saber se havia uma vigilância de fato ou não. Assim, o panóptico é um modelo de “ver-ser visto”, ou seja, sabe-se que é “totalmente visto sem nunca ver” (FOUCAULT, 2014 [1975], p. 195).

E mesmo que este modelo o Panóptico tenha sido pensando a partir de uma construção física, é através do seu objetivo, do seu efeito e do poder deste modelo que é possível estabelecer semelhanças relacionadas à questão da vigília de uma divindade, reiterada pela liderança religiosa na espacialidade Igreja. Pois, o modelo Panóptico é uma “máquina maravilhosa, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (FOUCAULT, 2014 [1975], p.196).

O Panóptico assim “pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou reiterar” práticas e concepções (FOUCAULT, 2014 [1975], p.199). Logo, este modelo nas mais variadas aplicações, contribui para o aprimoramento do poder.

De acordo com o autor, não é necessário à utilização de força física para que as pessoas cumpram as regras, as doutrinas e as funções estabelecidas por este modelo: nas escolas o bom comportamento, nos hospitais psiquiátricos a calma e nas Igrejas o cumprimento de um conjunto de regras, abdições e vivências espaciais. Por sua vez, este modelo não está baseado somente em relações de soberania, mas sim nas relações de disciplina (FOUCAULT, 2014 [1975]).

Neste sentido, a figura pastoral está encarregada de zelar pela disciplina e atitudes dos membros da sua Igreja. O pastor desempenha a função de ter o conhecimento das ações e dos pensamentos dos membros da sua Igreja, é ele quem tem o poder de ajuizar sobre os assuntos cotidianos dos membros. Tem-se assim, a vigilância constante das práticas e das vivências espaciais por parte do pastor, isto tudo em nome da salvação. Como evidenciado na fala que segue: Por que creio que nós pastores viemos para cuidar e orientar nossas ovelhas, é nossa aqui missão buscar a nossa salvação e a delas. Passar a palavra, o que agrada os olhos de Deus, os desígnios né. (Entrevista realizada com a Liderança Religiosa da Primeira Igreja Presbiteriana de Ponta Grossa, em Ponta Grossa no dia 04 de abril de 2017).

Desta forma, a figura do pastor é a mais importante dentro da espacialidade Igreja, o qual é visto como mestre, ser sagrado. Pois, acredita-se que é uma pessoa enviada por Deus, isto é, Deus fala através dessa pessoa. Ela é quem passa a verdade das escrituras e dos mandamentos, bem como é ela que contribui para direcionar as práticas e as vivências espaciais que ‘agradam’ a deus ou não.

### **Considerações Finais.**

A presente reflexão evidenciou como o espaço contribui para uma lógica do vigiar e punir divino nos discursos cristãos fundamentalistas das lideranças religiosas das Igrejas Evangélicas de Ponta Grossa, PR. Ademais como a sensação de estar sendo observadx diariamente potencializa a noção de práticas aceitáveis e não aceitáveis, podendo assim ser abençoadx ou punidx.

Pensando assim, a relação entre pastor e comunidade religiosa é fortalecida pelo elo de obediência e disciplina, dá-se primeiro pela crença que o pastor é um representante de Deus,

ou seja, é uma pessoa abençoada e imune a erros. E segundo, a crença que ambos (membro e pastor) partilham verdades e uma delas é a crença da salvação. “È nesse sentido que a salvação mesmo que nas suas formas seculares é uma obrigação que está indexada á presença de um outro”. (LEME, 2012, p. 31). Para tanto, a relação dos membros com o pastor é de confiança, tendo como base a prática de confidenciar suas vivencias, questionamentos e conflitos internos e externos.

Nesse sentido, o poder pastoral é exercido, tal poder provém da figura hierárquica e do papel que o pastor desempenha. Porém ambos membros e pastor creem em uma divindade suprema, onipresente e onipotente. Desta forma pastor e membros sentem-se observados diariamente, 24 horas por dia por uma divindade que pode abençoar ou punir de acordo com as ações e espacialidades vivenciadas.

Evidenciou-se também que o discurso religioso faz-se presente em todas as espacialidades e instâncias da vida do grupo pesquisado (membros LGBT da ICM-Maringá e para os membros gays da IEA-Curitiba) como evidenciado nas pesquisas anteriores. Tal discurso revela-se como um ‘agente’ diretamente associado ao funcionamento do mecanismo de gênero, justificando e reiterando assim as noções normativas e binárias de gênero. Portanto, o discurso religioso conecta-se e reforça outros discursos formando assim uma rede entre os discursos que se interligam para defender e reproduzir uma heterossexualidade compulsória.

## Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GELINSKI, Adriana. **As vivências espaciais dos membros LGBT da Igreja da Comunidade Metropolitana em Maringá e da Igreja Episcopal Anglicana em Curitiba e a Constituição das significações de suas Sexualidades**. Dissertação (mestrado em Gestão em Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2017.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1979.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso: Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2/12/1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1971/1996.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal.1998.

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS  
Universidade Estadual de Londrina  
13 a 15 de junho de 2018  
ISSN 2177-8248

SOUZA, Marcelo Lopes. Algumas notas sobre a Importância do Espaço para o Desenvolvimento Social. **Revista Território**, n2, 1997.

MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Geographia**, nº 12, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pelo Espaço: Uma nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

VALENTINE, Gill. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday space. **Environment and Planning D: society and space**, v. 11, n. 4, p.395-413, 1993.